

GLOBAL. REVUE

D'ÉTUDES GLOBALES

REVISTA DE ESTUDOS GLOBAIS

JOURNAL OF GLOBAL STUDIES

Chamada para artigos

Overtourism e promoção da vida pública local

Desde o final da década de 2000, o conceito de *overtourism* surgiu nas esferas mediáticas e políticas. Este fenómeno é percebido inicialmente pelas consequências ambientais que provoca (Nguyen et al. 2008) e, posteriormente, pelas transformações que acarreta na vida pública local (Goodwin 2017; Peeters et al. 2019). A mercantilização da experiência de viagem, o aumento das mobilizações cidadãs, as transformações fundiárias em locais turísticos (ligadas conjuntamente ao superaquecimento do mercado de aluguer de curta duração em plataformas como Airbnb, Booking, Abritel, bem como ao aumento do rendimento locativo dos alojamentos turísticos mobilados) e as estratégias de regulação territorial que os eleitos locais tentam opor ilustram a complexidade destas recomposições contemporâneas.

Knafou (2023) interpreta o excesso de turismo como um entusiasmo coletivo, alimentado por lógicas de frequência excessiva, hipermediatização e economia da atenção. Nesta perspetiva, a abordagem consiste em analisar o excesso de turismo como a percepção de um desequilíbrio relacional entre turistas e habitantes (Duhamel, 2023), que se torna sensível nas tensões de uso do espaço da cidade, visível nos discursos mediáticos veiculados pelos jornalistas e sentido de forma diferenciada pelos atores locais.

Esse desequilíbrio relacional pode se traduzir numa percepção negativa por parte dos residentes, cuja qualidade de vida é prejudicada por incómodos de todos os tipos (ruído, excesso de frequentadores em cafés, bares e restaurantes, degradação dos espaços urbanos e locais naturais). Mas também é do lado dos próprios turistas que cresce um sentimento de frustração. No Monte Saint-Michel, por exemplo, embora o local seja alvo de turismo de massa, esse sentimento é menos perceptível pelos habitantes, pois a população local é reduzida. Assim, é a experiência turística propriamente dita que se encontra simultaneamente empobrecida e saturada pela presença de outros visitantes. O turista desempenha alternadamente os papéis de espectador e presença indesejada, por vezes

obrigado a suportar ser fotografado por outro turista, condenado a encontrar sempre apenas os seus semelhantes. Além disso, este desequilíbrio relacional é atravessado por lógicas económicas, ecológicas, culturais e históricas, que moldam a forma como estes habitantes e turistas se representam, imaginam e percebem em troca.

Também surgem contrapontos à crítica do excesso de turismo. Os trabalhos pioneiros de Louis Turner e John Ash (1975) prenunciavam uma crítica ao turismo internacional de massa e aos seus efeitos nas sociedades anfitriãs. Os autores analisam a rápida expansão do turismo internacional, principalmente dos países ricos para as regiões pobres, e propõem a metáfora das «hordas douradas» para descrever o afluxo maciço de turistas. Comparam esta invasão às invasões históricas, sublinhando os efeitos profundamente transformadores e muitas vezes destrutivos que o turismo pode ter nas sociedades locais e nos seus ambientes. A sua contribuição é reconhecida por ter introduzido uma leitura político-económica global do turismo, insistindo nas desigualdades que este pode reforçar entre o «centro do prazer» e a sua periferia. O tema seria abordado através do prisma da «colonização dos lugares», que privilegia os desejos mais loucos de uns em detrimento das necessidades mais básicas de outros (Vidal 2024). Além disso, essa noção também pode ser entendida como a expressão de um desprezo de classe¹, estigmatizando os viajantes provenientes das classes sociais populares, que muitas vezes não têm outra escolha a não ser visitar locais superlotados.

Na intersecção das disciplinas das ciências humanas e sociais, o conceito de sobreturismo cristaliza hoje uma série de questões interligadas, multiescalares, tanto locais como globais: saturação das infraestruturas, conflitos de uso, mercantilização do património, aumento dos aluguéis, alteração dos ecossistemas ou ainda mobilizações cidadãs. Essas tensões destacam a necessidade de uma abordagem contextualizada, combinando o enraizamento territorial e a mobilidade internacional, para compreender como o excesso de turismo é representado, discutido e regulamentado. Esse fenómeno envolve tensões sociais, económicas e simbólicas que redefinem as relações entre habitantes, visitantes, atores públicos e plataformas digitais.

Este número temático da *Global* convida a questionar as formas de resistência existentes e os obstáculos ao excesso de turismo, bem como os modos de ação coletiva, inovação social e mediação que emergem face a esta pressão turística sem precedentes pela sua amplitude.

Eixos de reflexão

1. Papel das autarquias locais, das políticas públicas e da governação;

¹ « La notion de surtourisme relève du mépris de classe », *Le Monde*. Publié le 3 septembre 2024. https://www.lemonde.fr/idees/article/2024/09/03/jean-pinard-consultant-la-notion-de-surtourisme-releve-du-mepreis-de-classe_6302627_3232.html

2. Panorama das regras a nível europeu;
3. Limites e efeitos das estratégias de turismo sustentável, ecoturismo e *slow tourism*;
4. Plataformização e transformação dos mercados locais (Airbnb, TripAdvisor, etc.);
5. Conflitos de utilização do espaço urbano, práticas dos habitantes e resistências locais;
6. Sobreturismo e reprodução das desigualdades sociais;
7. Crises, guerras e crise ambiental;
8. Tratamento mediático e enquadramentos discursivos;
9. Imagem dos turistas e discurso sobre a «turismofobia»;
10. O papel das redes sociais na produção de locais icónicos;
11. Iniciativas cidadãs, dispositivos participativos e movimentos antiturismo

Modalidades de submissão

Os artigos (25 000 a 30 000 caracteres) devem ser enviados antes de 15 de fevereiro de 2026 para: Jaércio da Silva (Jaercio.DASILVA@assas-universite.fr) e Valérie Devillard (Valerie.DEVILLARD@assas-universite.fr).

As contribuições podem ser redigidas em francês, português ou inglês, de acordo com as diretrizes editoriais da revista *Global*.

Bibliografia indicativa

Aïdi, N. (2022). *La fabrique de la smart destination par une approche conceptuelle et urbaine. Études caribéennes*, 51, Article 51.

Aïdi, N. (2024a). De la donnée à l'intelligence organisationnelle : La smart destination à l'épreuve de la résilience. *I2D – Information, données & documents*, 242(2), 96-118.

Aïdi, N. (2024b). *Vers un dispositif d'intelligence territoriale pour élucider la signification de la smart destination dans des territoires touristiques en mutation* [Thèse de doctorat, Université Gustave Eiffel]. <https://theses.fr/2024UEFL2008>

Babou, I., & Callot, P. (2013). L'avenir du tourisme à l'heure de la raréfaction du pétrole. *Revue internationale et stratégique*, 90(2), 87-95.

Ballester, P. (2018). Barcelone face au tourisme de masse : « Tourismophobie » et vivre-ensemble. *Téoros. Revue de recherche en tourisme*, 37(2), Article 2.

Bouchet, P., Graillot, L., & Lebrun, A.-M. (2023). Chapitre 1. Adaptations et innovations stratégiques dans le marché touristique face aux mutations sociétales et aux crises

mondiales depuis le début du XXI^e siècle. Dans *Mutations sociétales et organisations* (p. 26-43). EMS Éditions.

Caron-Malenfant, J. (2004). Risque politique et traitement médiatique : Vers de nouvelles pratiques en tourisme ? *Téoros. Revue de recherche en tourisme*, 23(1), Article 1.

Cauvin Verner, C. (2009). Du tourisme culturel au tourisme sexuel : Les logiques du désir d'enchantement. *Cahiers d'études africaines*, 49(193-194), Article 193-194.

Cefaï, D. (1996). La construction des problèmes publics : Définitions de situations dans des arènes publiques. *Réseaux*, 75(1), 43-66.

Chen, M.-H. (2012). Sexualité et ethnicité dans le tourisme sexuel : Les consommateurs taïwanais de sexe à Dongguan. Dans *Chinoises au XXI^e siècle* (p. 195-213). La Découverte.

Cousin, S., Jacquot, S., & Pignot, L. (2023). Le voyage sous influence. *L'Observatoire*, 61(2), 9-16.

Delaplace, M. (2021). Après la crise, un tourisme durable ? *L'Économie politique*, 91(3), 8-22.

Dilshan, N. W. T., & Nakabasami, C. (2025). Overtourism : A systematic review of global issues and management strategies. *International Journal of Tourism Policy*, 15(1), 50-66.

Dobruszkes, F., Schepens, V., & Decroly, J.-M. (2006). Éléments pour une géographie de l'offre charter européenne face à la concurrence des compagnies low cost. In: *Collection EDYTEM. Cahiers de géographie*, numéro 4, Transport et tourisme, 65-76.

Duhamel, P. (2023). Le « surtourisme » ou la rupture d'un contrat habitants/touristes : Le cas des lieux touristiques en Europe. *L'Information géographique*, 87(2), 100-122.

Eddahani, F. M. M. (2022). E-tourisme : Nouvelles stratégies via les réseaux sociaux et enjeux réputationnels. *Revue Filigranes*, 1(1), Article 1.

Fatanti, M. N., & Suyadnya, I. W. (2015). Beyond user gaze : How Instagram creates tourism destination brand ? *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 211, 1089-1095.

Filloz, V. (2012). *La médiation touristique* [Thèse de doctorat, Université Lumière – Lyon 2]. <https://theses.fr/2012LYO20063>

Frenzel, F., Koens, K., & Steinbrink, M. (2012). *Slum tourism*. Taylor & Francis.

Gandia, R. (2023). Standardiser la créativité au sein d'une communauté touristique : Le cas de la plateforme numérique Airbnb. *Marché et organisations*, 47(2), 99-123.

Goodwin, H. (2017). The challenge of overtourism. *Responsible Tourism Partnership*, 4(2017), 1-19.

Gravari-Barbas, M. (2021). Du surtourisme aux nouvelles formes de tourisme ? *Cahiers français*, 423(5), 38-47.

Grondeau, A., & Dourthe, G. (2024). Ubérisation et altermétropolisation : Trajectoires comparées d'Airbnb à Marseille, Lisbonne et Barcelone. *Bulletin de l'Association de géographes français. Géographies*, 101(1).

Knafou, R. (2023). *La surmédiation du surtourisme : Ce qu'elle nous dit du tourisme (et de ceux qui en parlent)*. Fondation Jean-Jaurès.

Le tourisme réflexif, un point d'étape – Fondation Jean-Jaurès. (s. d.). <https://www.jean-jaures.org/publication/le-tourisme-reflexif-un-point-detape/>

Matelly, S. (2013). Le tourisme, un objet géopolitique. *Revue internationale et stratégique*, 90(2), 57-69.

Nguyen, T. A., Nguyen, K. P., & Tran, B. C. (2008). Integrated coastal zone management in Vietnam : Pattern and perspectives. *Journal of Water Resources and Environmental Engineering*, (23), 297-312.

Nyns, S., & Schmitz, S. (2024). Focus on the impacts of Airbnb-style accommodation in rural Wallonia : An invisible form of tourist accommodation ? *Géographie, économie, société*, 26(4), 545-575.

Oppenchaim, N., Lefeuvre, M.-P., & Devaux, J. (2022). L'hébergement Airbnb hors des grandes métropoles : Une activité plus ou moins rationalisée entre visée rentière et occupation. *Réseaux*, 236(6), 253-284.

Peeters, P., Gössling, S., Klijs, J., Milano, C., Novelli, M., Dijkmans, C., Eijgelaar, E., Hartman, S., Heslinga, J., Isaac, R., Mitas, O., Moretti, S., Nawijn, J., Papp, B., & Postma, A. (2018). *Research for TRAN Committee – Overtourism: Impact and possible policy responses*. European Parliament, Policy Department for Structural and Cohesion Policies.

Perkumienė, D., & Pranskūnienė, R. (2019). Overtourism : Between the right to travel and residents' rights. *Sustainability*, 11(7), Article 7.

Piganiol, V. (2021). Airbnb ou la géopolitique (mondialisée) d'un hébergement touristique contesté : De la disruption magnifiée aux conflictualités généralisées... *Via Tourism Review*

Raffour, G. (2021). Les enjeux du tourisme en ligne. *Cahiers français*, 423(5), 74-83.

Réau, B., & Cousin, S. (2009). *Sociologie du tourisme*. La Découverte.

Richon, J. (2024). Les loueurs Airbnb parisiens face à la loi : Stratégies d'adaptation et contournements. *Espaces et sociétés*, 191(1), 11-29.

Roux, S. (2011). Introduction : Enquêter sur le « tourisme sexuel ». *TAP / Genre & sexualité* (p. 7-25). Sciences Po.

Salim, E., et al. (2024, juillet). Reflexive mountain tourism in the Anthropocene era : Discussion on the Montenvers rehabilitation project, Chamonix. *Mondes du tourisme*.

Staszak, J.-F. (2012). L'imaginaire géographique du tourisme sexuel. *L'Information géographique*, 76(2), 16-39.

Swyngedouw, E., & Kaika, M. (2005). La production de modernités urbaines « globales » : Explorant les failles dans le miroir. *Géographie, économie, société*, 7(2), 155-176.

Thomas, F. (2024). Perspectives pratiques sur la durabilité dans l'industrie du tourisme : Proposition d'un cadre procédural d'évaluation de la durabilité des expériences touristiques. *Mondes en développement*, 206(2), 61-86.

Turner, L., & Ash, J. (1975). *The golden hordes: International tourism and the pleasure periphery*. Constable.

Vidal, A. (2024). *Dévorer le monde : Voyage, capitalisme et domination*. Payot.

Violier, P. (2021). La pandémie du Covid : Une parenthèse dans la mondialisation touristique. *L'Économie politique*, 91(3), 23-35.

Violier, P. (2023). L'écoumène touristique entre permanences et discontinuités. *L'Information géographique*, 87(2), 26-45.

Vlès, V. (2020). Tourisme. Dans *Dictionnaire des politiques territoriales* (Vol. 2, p. 537-543). Presses de Sciences Po.

Zervas, G., Proserpio, D., & Byers, J. W. (2017). The rise of the sharing economy : Estimating the impact of Airbnb on the hotel industry. *Journal of Marketing Research*, 54(5), 687-705.